

Consciência silábica em teste diagnóstico do PROAJA – Piauí

Syllabic awareness in PROAJA diagnostic test – Piauí

Conciencia de la sílaba en prueba diagnóstica PROAJA – Piauí

Raquel Márcia Fontes Martins¹

Gladys Agmar de Sá Rocha²

Luciana Neves Franco Freire³

Resumo: Este estudo visa analisar questões de consciência silábica que fazem parte de um dos testes diagnósticos do Programa de Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos – PROAJA (Piauí). Dessa forma, esta pesquisa tem como enfoque a alfabetização em sua faceta linguística. O referencial teórico se sustenta em trabalhos como Soares (2016, 2020) e Moraes (2019). A partir da análise, foi possível constatar que o teste se configura como sendo do tipo híbrido, com as questões de consciência silábica sendo totalmente lidas pelo aplicador. Destaca-se a importância da presença dessas questões de consciência silábica lidas pelo aplicador, as quais contribuem para verificar aprendizes que ainda não estão alfabetizados, mas que já refletem sobre a sonoridade em seu processo de aquisição da escrita.

Palavras-chave: Alfabetização; consciência silábica; EJA.

Abstract: This study aims to analyze questions regarding syllable awareness that are part of one of the diagnostic tests of the Youth, Adult, and Elderly Literacy Program - PROAJA (Piauí). Thus, this research focuses on literacy in its linguistic facet. The theoretical framework is based on works such as Soares (2016, 2020) and Moraes (2019). Through the analysis, it was possible to verify that the test is configured as being of the hybrid type, with the questions of syllabic awareness being fully read by the applicator. The importance of the presence of these syllable awareness questions being read by the applicator is highlighted, which contributes to verifying learners who are not yet literate but who already reflect on the sonority in their writing acquisition process.

Keywords: Literacy; syllabic awareness; EJA.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo analizar cuestiones de conciencia silábica que forman parte de una de las pruebas de diagnóstico del Programa de Alfabetización de Jóvenes, Adultos y Ancianos - PROAJA (Piauí). Así, esta investigación se centra en la alfabetización en su faceta lingüística. El marco teórico se basa en trabajos como los de Soares (2016, 2020) y Moraes (2019). A través del análisis, se pudo verificar que la prueba está configurada como del tipo híbrido, siendo las preguntas de conciencia silábica leídas en su totalidad por el aplicador. Se destaca la importancia de la presencia de estas preguntas de conciencia silábica leídas por el aplicador, lo cual contribuye a verificar a los aprendices que aún no están alfabetizados, pero que ya reflexionan sobre la sonoridad en su proceso de adquisición de la escritura.

Palabras clave: Alfabetización; conciencia de la sílaba; EJA.

¹ Universidade Federal de Lavras - UFLA

² Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

³ Universidade Federal de Lavras - UFLA

Introdução

Este estudo tem por objetivo principal avaliar itens de consciência silábica de um teste diagnóstico do Programa de Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos – PROAJA, implementado pelo estado do Piauí.

Conforme aponta o levantamento do Serviço Social da Indústria (SESI), com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) de 2019⁴, mais de 10 milhões de brasileiros com 15 anos de idade ou mais não são alfabetizados, o que aponta para a importância de investigações nessa área, a fim de contribuir para diminuir ou mesmo erradicar o analfabetismo em nosso país. Ademais, esse é um campo de estudos recente no Brasil, o qual apresenta ainda poucos trabalhos quando se compara com o volume de pesquisas realizadas sobre a alfabetização infantil (SILVA, 2008, p. 19).

Com relação à temática da consciência silábica em foco, destaca-se que este trabalho coloca em relevo o que Soares (2004, p. 11) destacou como sendo a “especificidade”, a “faceta linguística” da alfabetização, a qual foi deixada de lado, principalmente, nas últimas décadas do século passado e no início deste século (SOARES, 2016). No entanto, há de se notar que, na última década, houve um crescimento no número de pesquisas que relacionam o processo de alfabetização e a consciência fonológica, mas ainda é preciso avançar nisso com relação ao público da EJA (REIS *et al.*, 2020, p. 6). Este trabalho pretende ser contribuição nessa direção.

A consciência fonológica é um tipo de conhecimento metalinguístico de grande importância para a compreensão do sistema de escrita alfabética, pois se trata da habilidade de manipular diferentes unidades fonológicas que auxiliam no estabelecimento de relações entre os fonemas e os grafemas (COSTA, 2013, p. 16). A consciência fonológica apresenta níveis, dentre eles, o fonema, a rima e a sílaba, que corresponde à consciência silábica, tratada neste trabalho. A consciência silábica está relacionada com capacidades como a de segmentar as palavras em sílabas, a de unir sílabas para formar palavras e a de identificar diferentes tipos silábicos (Consoante-Vogal/ CV, CVC, CCV, VC, V...) em diferentes posições da palavra – inicial, medial e final (SCHERER, 2008, p. 34).

Neste estudo, a consciência silábica é avaliada em questões de um dos testes do PROAJA, que é um programa implementado, em 2020 e 2021, pela Secretaria de Estado da Educação do Piauí, em parceria com a Fundação Getúlio Vargas – FGV. O programa visou à

⁴Cf. Site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE - Educa. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em: 08 maio 2023.

alfabetização de cerca de 200.000 jovens a partir de 15 anos de idade, adultos e idosos, objetivando a diminuição da taxa de analfabetismo (PIAUÍ, 2021). A análise das questões irá considerar todo o comando e alternativas elaborados, buscando-se compreender como a consciência silábica é tratada em tais questões.

Na próxima seção, é apresentado o referencial teórico deste trabalho, que traz reflexões sobre a alfabetização, a EJA e a questão da consciência silábica, enfocada neste estudo. Em seguida, são feitos os esclarecimentos metodológicos do trabalho e a análise. Por fim, são apresentadas as conclusões deste estudo.

Alfabetização, EJA e consciência silábica

O conceito de alfabetização sofreu diversas alterações ao longo do tempo no Brasil, o que pode ser notado, inclusive, nos censos demográficos. Inicialmente, era considerado alfabetizado aquele que sabia escrever o próprio nome apenas, depois quem sabia escrever um simples bilhete, evoluindo para aquele capaz de ler, escrever e fazer o uso da leitura e escrita em diferentes situações sociais, o que se relaciona ao conceito de letramento (SOARES, 2004, p. 7).

De acordo com Soares (2014a), a alfabetização corresponde ao processo de aprendizagem do sistema de escrita alfabética, ou seja, de um sistema notacional que apresenta os grafemas e os fonemas e suas convenções, e possui diferentes facetas essenciais, como “[...] consciência fonológica e fonêmica, identificação das relações fonema-grafema, habilidades de codificação e decodificação da língua escrita, conhecimento e reconhecimento dos processos de tradução da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita” (SOARES, 2004, p. 15). A alfabetização pode ser entendida, assim, como o processo de aprendizagem de habilidades relacionadas à apropriação do sistema de escrita (QUEIROGA; SILVA, 2020; ZORZI, 2020).

Já o conceito de letramento, indissociável da alfabetização, se refere ao

desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções (SOARES, 2014b).

Embora o letramento e a alfabetização sejam processos interdependentes, são distintos e implicam em formas diferenciadas de aprendizagem, de modo que os dois processos precisam

ser trabalhados de forma integrada, considerando suas especificidades de métodos e procedimentos de ensino (SOARES, 2004, p. 15). Tendo em vista três facetas de inserção na aprendizagem inicial da língua escrita propostas por Soares (2016, p. 28), sendo elas a faceta linguística, a faceta interativa e a faceta sociocultural, o foco deste trabalho recorre sobre a faceta linguística, cujo “[...] objeto de conhecimento é a apropriação do sistema alfabético-ortográfico e das convenções da escrita [...]” (SOARES, 2016, p. 29).

As línguas humanas se organizam em dois planos que se unem na fala e são regulados pela gramática, sendo eles: o plano do conteúdo, que se refere aos sentidos daquilo que é falado, e o plano da expressão, que corresponde aos sons e às formas utilizadas para veicular esses sentidos (OLIVEIRA, 2005). As primeiras manifestações escritas, representadas pelas formas pictográficas e ideográficas, estavam veiculadas ao plano do conteúdo, e posteriormente, começaram a representar plano da expressão por meio das formas silábicas e alfabéticas (OLIVEIRA, 2005). Segundo Morais (2012), a escrita alfabética corresponde a um sistema notacional e de representação, visto que

A escrita é, para a criança, um sistema notacional porque, ao compreender o que a escrita representa (a cadeia sonora da fala, não seu conteúdo semântico), precisa também aprender a notação com que, arbitrária e convencionalmente, são representados os sons da fala (os grafemas e suas relações com os fonemas, bem como a posição desses elementos no sistema) (MORAIS, 2012, p. 49).

Além disso, ao aprender a escrita alfabética, que é uma invenção cultural, o sujeito converte os sons da fala em letras ou combinações de letras na escrita, e a combinação de letras em sons da fala na leitura, ou seja, a aprendizagem inicial da escrita é complexa e não se resume na aprendizagem de simples técnicas (SOARES, 2016, p. 225).

Feitas essas reflexões gerais sobre a alfabetização, é importante tecer algumas considerações sobre a alfabetização na EJA. A aprendizagem da língua escrita por jovens e adultos segue um caminho diferente, e conforme aponta Ferreiro et al. (1983), jovens e adultos, mesmo que não alfabetizados, conseguem fazer a diferenciação de desenhos e letras na escrita, e a vivência com a língua faz com que esses sujeitos superem as características da fase pré-silábica observadas em crianças, iniciando sua aprendizagem no nível silábico. Dessa forma, Ferreiro et al. (1983) salientam que o adulto não alfabetizado percebe com clareza os critérios qualitativos e quantitativos da escrita, e apresenta maior conhecimento sobre as propriedades da escrita devido a sua experiência. O fato de iniciar diretamente no nível silábico demonstra que o adulto relaciona a escrita à pauta sonora, mesmo que no nível da sílaba ainda, tendo o

desafio de passar para o nível do fonema, a fim de compreender as relações grafofônicas fundamentais da escrita alfabética.

A alfabetização de jovens, adultos e idosos é um campo complexo, muitas vezes, tratada de forma semelhante à alfabetização de crianças, sem considerar as especificidades desses sujeitos. Além disso, a inadequação metodológica tem como consequência a utilização dos mesmos materiais para a alfabetização tanto de crianças quanto de jovens e adultos, o que pode afetar a motivação dos sujeitos e provocar a evasão nas escolas.

Passando a tratar da consciência silábica, foco deste estudo, é importante destacar que pesquisadores buscam investigar a relação entre a consciência fonológica e a aquisição do sistema de escrita alfabética, visto que a consciência fonológica corresponde à “[...] capacidade de focalizar os sons das palavras, dissociando-as do seu significado e de segmentar as palavras nos sons que as constitui” (SOARES, 2016, p. 166) e seu desenvolvimento faz com que o indivíduo dissocie o extrato fônico da fala de seu conteúdo semântico, de modo a compreender a escrita alfabética como a representação dos sons da fala (SOARES, 2016). Para Soares (2016), a consciência fonológica envolve níveis, habilidades e complexidades que se diferem pelo grau de consciência demandado e contribuem na evolução das diversas etapas de aprendizado.

Soares (2016) destaca que é por meio da consciência fonológica – ou seja, da sensibilidade e habilidade de manipular rimas, aliterações, segmentação da palavra em sílabas e as palavras – que o sujeito consegue alcançar a compreensão do princípio alfabético, pois passa a compreender a palavra como entidade fonológica arbitrária. Assim sendo, a consciência silábica desempenha um papel importante na aquisição da escrita alfabética, visto que precede a aprendizagem da escrita, manifestando-se muito cedo e de forma espontânea. Além disso, é a menor unidade de fala que pode ser reproduzida isoladamente (CRISTÓFARO-SILVA, 2010). A consciência silábica introduz o indivíduo no período de fonetização da escrita, no qual o aprendiz consegue dividir as palavras em sílabas, compreender que as letras representam os sons das palavras e escrever silabicamente (SOARES, 2016). Deste modo,

para alcançar o princípio alfabético, a criança precisa tornar-se consciente da segmentação da palavra em sílabas, representá-las com letras, inicialmente utilizando quaisquer letras, mas em número correspondente à quantidade de sílabas, em seguida usando para cada sílaba uma letra (ou grafema) que corresponda a um dos fonemas da sílaba, adquirindo finalmente condições para tornar-se sensível a fonemas e então escrever alfabeticamente (SOARES, 2016, p. 188).

Como pondera Soares nessa citação, a consciência silábica é uma etapa importante para a compreensão princípio alfabético, na medida em que o aprendiz da escrita começa a relacionar a pauta sonora com a escrita, ainda que a unidade considerada por ele seja a sílaba e não o fonema. Dessa maneira, a consciência silábica é uma espécie de “passagem” para a consciência fonêmica que possibilita ao aprendiz, finalmente, relacionar os fonemas (e não as sílabas) aos grafemas, habilidade essencial para o entendimento do princípio alfabético.

Morais (2014) também destaca a importância da consciência silábica para a compreensão das relações grafofônicas, ou seja, das relações entre grafemas e fonemas. O aprendiz da escrita, para se tornar alfabetizado, precisa dominar essas relações, tendo que, necessariamente, desenvolver a consciência fonológica e, conseqüentemente, a consciência silábica, o que pode e deve ser trabalhado até mesmo já na educação infantil (MORAIS, 2020). Conforme Moraes (2014),

Entre várias dimensões metalinguísticas, uma, que é fundamental para que um aprendiz se alfabetize, é a capacidade de refletir sobre os segmentos sonoros das palavras que pronunciamos, isto é, a consciência fonológica. Tal consciência é um conjunto de habilidades variadas. Variam quanto à operação mental que o aprendiz realiza: pronunciar um a um os segmentos que compõem a palavra, contar, identificar ou produzir ‘partes sonoras’ parecidas, adicionar ou subtrair segmentos sonoros. Variam quanto ao tamanho do segmento sonoro, que pode ser uma rima (mato/gato), uma sílaba (cavalo, casaco) ou um fonema (sapo, c). E variam, ainda, quanto à posição (início, meio, final) em que aparecem nas palavras (MORAIS, 2014).

Dessa maneira, considerando Soares (2016, 2020) e Moraes (2014, 2020), argumenta-se que o trabalho com a consciência fonológica e, por consequência, com a consciência silábica, é também fundamental na EJA. O trabalho com essa parte da faceta linguística da alfabetização pode contribuir para a diminuição dos índices ainda preocupantes de analfabetismo ou de uma alfabetização tardia e insatisfatória em nosso país. Com relação a isso, Soares (2016) afirma ser importante combater tal problema com investimento na formação dos professores alfabetizadores e no desenvolvimento de pesquisa, principalmente, no que se refere à faceta linguística da alfabetização que abarca a consciência fonológica e, portanto, também a consciência silábica.

Este estudo avalia questões relacionadas à consciência silábica em um teste diagnóstico do PROAJA. Ressalta-se que a presença desse tipo de questão sinaliza a importância de se considerar esse conhecimento metalinguístico na alfabetização. A seguir, na próxima seção apresenta-se a análise dessas questões do PROAJA.

Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho consiste em uma análise qualitativa, na qual “[...] a ênfase recai sobre a compreensão das intenções e do significado dos atos humanos” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004, p. 146), de questões de um dos testes aplicados no âmbito do PROAJA – Piauí, no ano de 2021. Especificamente, a análise das questões irá considerar todo o comando e alternativas elaborados, buscando-se compreender como a consciência silábica é tratada em tais questões.

A escolha pelo PROAJA se deu, principalmente, pelo fato de autoras deste trabalho terem atuado como pesquisadoras nesse projeto. O PROAJA é um programa implementado pela Secretaria de Estado da Educação do Piauí em parceria com a Fundação João Pinheiro – FGV. Ele funcionou nos anos de 2020 e 2021, principalmente, visando à alfabetização de cerca de 200.000 jovens a partir de 15 anos, adultos e idosos no estado do Piauí, objetivando a diminuição da taxa de analfabetismo no estado (PIAUI, 2021). O programa contou com três testes diagnósticos: Inicial, Intermediário e Final. Os estudantes autodeclarados não alfabetizados, candidatos a ingressantes, passaram por uma avaliação diagnóstica inicial para constatar o analfabetismo e serem incluídos no programa somente aqueles que, de fato, não eram alfabetizados, os quais receberam uma bolsa de incentivo para frequentar as aulas. Durante o curso, os alunos passaram por uma avaliação intermediária para acompanhamento e, posteriormente, no término do processo, por uma avaliação final, com o objetivo de verificar se eles, de fato, foram alfabetizados (PIAUI, 2021)⁵.

A partir da análise dos testes desse programa, foram selecionadas quatro questões de consciência silábica que faziam parte de um conjunto de 15 questões do primeiro teste diagnóstico do PROAJA. Duas das questões são relacionadas à habilidade de contar sílabas e as outras duas, à habilidade de identificação da sílaba (final e inicial) das palavras.

Vale mencionar que o teste apresenta instruções para o aplicador, sinalizando que comandos e alternativas devem ser lidos para os estudantes. Esse fato caracteriza o teste como sendo de modelo híbrido de avaliação da alfabetização (ROCHA; FONTES-MARTINS; MIRANDA, 2020), tendo em vista que nem todas as questões são lidas pelos alunos: há questões em que o aplicador lê os comandos e as alternativas e há questões em que ele não lê.

⁵ Maiores informações podem ser obtidas no site do PROAJA: <https://seduc.pi.gov.br/proaja>. Acesso em 14 jul. 2023.

A existência de questões que são totalmente lidas pelo aplicador contribui para a identificação de diferentes perfis de alfabetização, captando não somente os estudantes leitores, mas também os não leitores que se encontram em estágio inicial ou em desenvolvimento em seu processo de alfabetização.

Cabe salientar também que as questões relativas à consciência silábica são totalmente lidas pelo aplicador, de modo a não demandar habilidades de leitura autônoma dos estudantes (ROCHA; FONTES-MARTINS; MIRANDA, 2020). Essa é uma peculiaridade do PROAJA, como um programa voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos, que não apenas considera a dicotomia aluno alfabetizado versus aluno não alfabetizado, mas apreende diferentes perfis de alfabetização entre tais polos. A seguir, passa-se à análise dessas quatro questões.


Análise das questões de consciência silábica do PROAJA – Piauí


Esta seção dedica-se a analisar quatro questões do primeiro teste diagnóstico aplicado para jovens, adultos e idosos pelo PROAJA no estado do Piauí, as quais são as únicas relativas à consciência silábica nesse teste.

Dessas quatro questões selecionadas, a primeira e a segunda (Questões 2 e 3 do teste) envolvem a habilidade de contar sílabas; já a terceira e a quarta (Questões 4 e 5 do teste) envolvem a habilidade de identificar sílaba final e inicial, respectivamente. É importante ressaltar que as questões são apresentadas aqui na versão do caderno do aplicador. No início das questões, há um box com o ícone de um megafone que sinaliza para o aplicador que ele dever ler, em voz alta, o comando presente nesse box para os alunos. Todos os comandos iniciam com a expressão “risque o quadrinho”, que visa facilitar para o aluno a marcação da alternativa correta, de modo que ele não confunda com alternativas identificadas por letras. Veja-se, a seguir, a primeira questão de consciência silábica a ser aqui analisada, a qual aparece na segunda posição do teste em foco, sendo denominada como Questão 2 no teste:

Figura 1: Questão 2 do teste diagnóstico 1 do PROAJA – Piauí.

Questão 2

 Risque o quadrinho que mostra o número de sílabas (ou pedaços) do nome da figura.



<input type="checkbox"/>	2
<input type="checkbox"/>	3
<input type="checkbox"/>	4
<input type="checkbox"/>	5

Imagem: Pixabay shipwreck-2096945

Fonte: Caderno do aplicador, diagnóstico 1 do ciclo 1 do PROAJA- Piauí.

O objetivo da Questão 2 é verificar a consciência silábica dos alunos, na capacidade de segmentar as palavras em sílabas após ouvir e identificar a informação visual da palavra “barco”. Essa palavra apresenta duas sílabas em sua estrutura (BAR – CO), sendo a primeira delas uma sílaba complexa e travada CVC (consoante + vogal + consoante) terminada em consoante, e a segunda uma sílaba aberta, a sílaba canônica CV (consoante + vogal).

As alternativas da questão são compostas por números que se referem à quantidade de sílabas que podem ser apontadas pelo aluno para a palavra “barco”. A primeira alternativa (2) é a correta, visto que a palavra barco possui duas sílabas, como se mencionou. O aluno que marcou essa opção demonstra que apresenta a habilidade de contar as sílabas de uma palavra, ao menos em palavras dissílabas que, ao lado das trissílabas, são frequentes na língua portuguesa. As demais alternativas incorretas são plausíveis e podem indicar uma hipótese do aluno com relação à habilidade de contar sílabas.

É possível inferir que o aluno que marcou a segunda alternativa (3) pode ter feito alguma segmentação atípica da sílaba fechada CVC (bar), como por exemplo, CV.C (ba-r-co) (TREIMAN, ZUKOWISKI; RICHMOND-WELTY, 1995). Uma outra hipótese seria a possibilidade de o aluno, mesmo tendo ouvido a palavra “barco” sendo dita pelo aplicador, ter interpretado a informação visual dada no comando como um *navio* e não como um *barco*, segmentando a palavra em três sílabas (na-vi-o) e assim marcando a segunda alternativa (3).


A terceira alternativa dessa questão (4) pode ter sido selecionada caso a palavra barco fosse segmentada fazendo-se um apagamento do “r” final da sílaba CVC (ba-co), e o aluno fizesse a contagem das letras. Esse fenômeno pode ocorrer devido à complexidade do padrão


silábico CVC em relação ao padrão silábico CV e a dificuldade dos alunos de dominarem a leitura de palavras contendo sílabas não canônicas (MONTEIRO; SOARES, 2014; SOARES, 2016). Logo, o apagamento do “r” em final de sílaba ou coda silábica pode ocorrer devido à influência da oralidade na escrita dos alunos, que podem ter dificuldades para “[...] representar os constituintes internos de estruturas silábicas complexas, como ataque complexo e núcleo (CCV), ou ataque e rima, constituídos por núcleo e coda (CVC)” (DUTRA, 2015, p. 17). Já a última alternativa do item corresponde à opção de 5 sílabas. Uma possível hipótese para sua seleção é de que o aluno identificou a quantidade de letras da palavra “barco”, mas ainda não domina a habilidade de contar sílabas.

A seguir, apresenta-se a terceira questão do teste ou a segunda em análise:

Figura 2: Questão 3 do teste diagnóstico 1 do PROAJA – Piauí.

Questão 3

 Risque o quadrinho que mostra o número de sílabas (ou pedaços) do nome da figura.



<input type="checkbox"/>	2
<input type="checkbox"/>	3
<input type="checkbox"/>	4
<input type="checkbox"/>	5

Imagem: Pixabay 149427

Fonte: Caderno do aplicador, diagnóstico 1 do ciclo 1 do PROAJA- Piauí.

A Questão 3 também objetiva verificar se o aluno apresenta a habilidade de contar sílabas, agora com a palavra “violão”. A imagem corresponde à palavra “violão”, que é oxítona e possui três sílabas em sua estrutura, sendo a primeira uma sílaba CV (consoante + vogal), a segunda formada apenas por V (vogal) e a terceira por CVV (consoante + vogal + vogal) em um ditongo nasal.

É importante destacar que, embora pareça relativamente simples, a palavra *violão* exige que o aluno tenha a habilidade de contar sílabas, considerando a existência de fatores como uma sílaba formada apenas por uma vogal (V), além da presença de um hiato, um encontro vocálico em sílaba pré-tônica, em que as duas vogais (I e O) estão em sílabas separadas, mas


podem ser interpretadas como um ditongo. Ademais, essa palavra apresenta um ditongo nasal na sílaba tônica, o qual é uma estrutura silábica que desafia o aprendiz da leitura e da escrita (SOARES, 2016)⁶.


As alternativas da questão são compostas por números de sílabas (partes) que o aluno poderia identificar para a palavra “violão”. A primeira alternativa traz a opção de 2 sílabas, e pode ser marcada pelo aluno que, possivelmente, não reconhece uma das sílabas constituída apenas de uma vogal (O), considerando “vio” como uma sílaba e “lão” como outra sílaba. Como aponta Oliveira (2011, p. 80), embora o único elemento obrigatório de uma sílaba ser a vogal, a sílaba mais fácil de ser lida e escrita não é aquela formada apenas pela vogal, mas por uma consoante e uma vogal (CV), visto que a sílaba formada somente por vogal implica em um maior tempo de processamento pelos aprendizes.


A segunda alternativa corresponde à resposta correta, já que a palavra “violão” apresenta três sílabas. A terceira alternativa traz a opção de 4 sílabas, que pode ser marcada quando, por exemplo, o aluno reconhece a vogal “o” final no ditongo “ão” da palavra como sendo uma sílaba, fazendo a segmentação como “vi-o-lã-o”, sem reconhecer o ditongo decrescente no final dela. A última alternativa corresponde a opção de 5 sílabas que pode ser marcada quando o aluno relaciona mais à quantidade de letras e não de sílabas. Veja-se, agora, a quarta questão do teste ou a terceira aqui analisada:





Figura 4: Questão 4 do teste diagnóstico 1 do PROAJA – Piauí.

Questão 4

 Veja a imagem.



 Risque o quadrinho em que o nome da imagem termina com a mesma sílaba (ou pedaço) do nome da figura acima.

<input type="checkbox"/>  A	<input type="checkbox"/>  B
<input type="checkbox"/>  C	<input type="checkbox"/>  D

Imagens: 1281563/ - Pixabay -257489/- B Pixabay23648/ [C] /Pixabay 3397657

Fonte: Caderno do aplicador, diagnóstico 1 do ciclo 1 do PROAJA- Piauí.

⁶ A respeito da tonicidade, cabe destacar que, exceto os monossílabos átonos (como a preposição “que”), as palavras apresentam sílaba tônica, podendo apresentar ou não sílaba(s) pré-tônica(s) e pós-tônica. O monossílaboônico “sol”, por exemplo, apresenta apenas sílaba tônica. Já uma palavra como “menino” apresenta, além da sílaba tônica (NI), uma sílaba pré-tônica (ME) e uma sílaba pós-tônica (NO).

A Questão 4 solicita que o aluno identifique, dentre as alternativas, a palavra que apresenta a sílaba final igual à da palavra representada pela imagem no comando (VELA), habilidade fundamental para o desenvolvimento de uma hipótese silábica de escrita (MORAIS, 2019, p. 128). A presença de figuras para representar as palavras, não somente no comando, visa oferecer um recurso mnemônico ao aluno, que também ouviu as palavras representadas por essas figuras sendo ditas pelo aplicador. A palavra focalizada no comando, VELA, é dissílaba (ve-la) e paroxítona, uma estrutura silábica mais facilmente reconhecida pelo aluno por ser mais frequente (OLIVEIRA, 2011). Nessa questão, o aluno deveria ser capaz de reconhecer a sílaba final “la” final, presente também na palavra BOLA.

Embora o item solicite a identificação de uma sílaba canônica CV em uma palavra formada por duas sílabas CV, o fato de ela estar presente no final da palavra aumenta o seu nível de complexidade (OLIVEIRA, 2011). A alternativa A, com a palavra BOLA, corresponde à opção correta. A alternativa B apresenta LÁPIS, cuja sílaba inicial (e não final) é LA. Uma hipótese para a seleção dessa segunda alternativa seria a de que o aluno apresenta dificuldades para diferenciar as sílabas iniciais e finais das palavras, escolhendo a alternativa com a sílaba inicial, mais facilmente reconhecível.









Uma hipótese para a seleção da alternativa C, que equivale à palavra ROLHA, é a de que sua sílaba final LHA apresenta semelhança com sílaba final de VELA, visto que ambas apresentam consoantes laterais pronunciadas a partir da passagem do ar pelas laterais da boca. Por fim, a alternativa D apresenta a palavra VASSOURA. Uma da hipótese para justificar sua seleção pelos alunos é a de que a sílaba final desta palavra é composta por uma consoante vibrante simples alveolar, o r-tepe (ɾ), que é semelhante à consoante lateral alveolar sonora /l/ presente na sílaba final da palavra VELA (OLIVEIRA, 2011). As consoantes líquidas /l/ e /ɾ/ possuem ponto de articulação, ressonância e vibração laríngea iguais, se diferindo apenas no modo de articulação (CRISTÓFARO-SILVA, 2010). Essas semelhanças articulatórias podem explicar a troca desses fonemas na realização fonética em uma palavra como “planta” que é pronunciada, em alguns dialetos, como “pranta” (DE MEDEIROS FERREIRA; BARBOZA, 2017).

Veja-se o quarto e último item a ser analisado ou o quinto item do teste em foco:

Figura 4: Questão 5 do teste diagnóstico 1 do PROAJA – Piauí

Questão 5

Risque o quadrinho em que os nomes dos dois desenhos começam com a mesma sílaba (ou pedaço).

<input type="checkbox"/>		
<input type="checkbox"/>		
<input type="checkbox"/>		
<input type="checkbox"/>		

Imagens: A1 e B1: Pinelley 158684 - A2 e D2: Pinelley 3336145 (Adaptado); B1 e D2: Pinelley 3336145 - B2 e C1: Pinelley 2276033/ C2 e D2 (Adaptado)

Fonte: Caderno do aplicador, diagnóstico 1 do ciclo 1 do PROAJA- Piauí.

Ao analisar essa última questão, nota-se que ela solicita do aluno a identificação da sílaba inicial, habilidade que não requer um aluno alfabetizado e leitor, mas capaz de identificar as unidades sonoras da língua (ROCHA; FONTES-MARTINS; MIRANDA, 2020). Especificamente, a questão demanda que o aluno identifique a alternativa que apresenta palavras que começam com a mesma sílaba. Como nas demais questões, todas as palavras, além de serem apresentadas na forma de imagens, tiveram seus nomes ditos pelo aplicador para os alunos. A primeira alternativa traz as imagens das palavras ALICATE e AGULHA, ambas iniciadas com a mesma sílaba “a”, sendo assim a resposta correta. As primeiras sílabas das palavras que compõem a alternativa correta são formadas apenas por uma vogal (V), o que pode gerar dificuldade de reconhecimento pelo aluno, visto que a sílaba mais frequente no português é formada por uma consoante e uma vogal (CV). Em geral, os estudantes demoram mais a reconhecer uma sílaba formada apenas por uma vogal (OLIVEIRA, 2011).

A segunda alternativa corresponde às palavras ALICATE e ALFINETE que embora, comecem com o mesmo fonema/som, não possuem a mesma sílaba, já que a primeira sílaba de *alicate* é a vogal “a” e a primeira sílaba de *alfinete* é “al”. Vale ressaltar que a sílaba “al”, na maior parte do país (incluindo o estado do Piauí), tem o “l” vocalizado, sendo pronunciado como “u” (CRISTÓFARO-SILVA, 2010). Na terceira e quarta alternativa, as figuras representam respectivamente as palavras ALFINETE e ARMÁRIO, e AGULHA e ARMÁRIO, ambas iniciadas com sílabas diferentes. Assim como na segunda alternativa, embora essas

palavras comecem com o mesmo fonema/som, existe outro fonema que também constitui a sílaba e que diferencia a sílaba inicial de uma palavra para outra.

A análise dessas quatro questões aponta para a importância de se trabalhar e, inclusive, avaliar a consciência silábica na alfabetização em EJA. O desenvolvimento da consciência fonológica e, por consequência, da silábica é bastante explorado na educação infantil e no ciclo de alfabetização (MORAIS, 2020), sendo tópico da Base Nacional Curricular Comum – BNCC (BRASIL, 2018). Talvez, até por não existir ainda uma orientação curricular de âmbito nacional como a BNCC, voltada para a EJA, o enfoque nesse tópico da faceta linguística da alfabetização não ocorra. No entanto, reforça-se, tendo como referência o suporte teórico e a análise aqui apresentados, que o trabalho com a consciência fonológica e, consequentemente, com a consciência silábica é muito relevante na alfabetização em EJA, por favorecer o aprendizado do princípio alfabético, na percepção da relação entre a pauta sonora e a escrita, primeiramente no nível da sílaba, para avançar, posteriormente, ao nível do fonema.

Conclusão

Tendo como foco a alfabetização em sua faceta linguística (SOARES, 2016), este trabalho analisou a questão da consciência silábica em questões do Programa de Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos, PROAJA, implementado pelo estado do Piauí.

Constatou-se que o teste se configura como sendo do tipo híbrido (ROCHA; FONTES-MARTINS; MIRANDA, 2020), com as questões de consciência silábica sendo lidas pelo aplicador. Ressalta-se a importância da presença das questões de consciência fonológica, e em específico de consciência silábica lidas pelo aplicador, as quais contribuem para verificar aprendizes que ainda não estão alfabetizados, mas que já refletem sobre a sonoridade em seu processo de aquisição da escrita. Nas questões relativas à habilidade de contar palavras, a palavra VIOLÃO, embora pareça simples, exige a identificação de sílaba V em hiato e de sílaba CVV em ditongo. Nas questões relativas à habilidade de identificar sílabas, a identificação de sílaba final representa maior desafio do que a de sílaba inicial.

Conclui-se que a consciência fonológica, com destaque para a consciência silábica aqui avaliada, desempenha um papel fundamental na alfabetização de jovens, adultos e idosos, uma vez que, além de até preceder a aprendizagem da escrita, possibilita que o aprendiz desenvolva a habilidade de segmentar as palavras em sílabas e representá-las com letras voltando sua

atenção para o extrato fônico da fala, tornando-se sensível às sílabas e aos fonemas, o que lhe permitirá ler e escrever alfabeticamente (SOARES, 2020).

Referências

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. 4. reimpr. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

COSTA, R. G. **Consciência fonológica em adultos da EJA**. 2013, 151f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

CRISTÓFARO-SILVA, T. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

DE MEDEIROS FERREIRA, F. N.; BARBOZA, C. L. F. O rotacismo nas histórias em quadrinhos. **Colineares**, v. 4, n. 2, p. 36-52, 2017.

DUTRA, M. F. C. **A produção da coda silábica na escrita de alunos do 3o. ano do ensino fundamental I de uma escola pública municipal na cidade do Recife**. 2015. 115f. Dissertação (Mestrado Profissional em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

FERREIRO, E. *et al.* Los adultos no-alfabetizados y sus conceptualizaciones del sistema de escritura. **Cadernos Investigaciones Educativas**, México, n. 10, 1983, p. 262-275.

MONTEIRO, S. M.; SOARES, M. Processos cognitivos na leitura inicial: relação entre estratégias de reconhecimento de palavras e alfabetização. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 02, p. 449-465, 2014.

MORAIS, A. G. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MORAIS, A. G. Consciência fonológica na alfabetização. In: FRADE, I. C. A. S. *et al.* (org.). **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**, 2014, [n. p.]. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao>. Acesso em: 08 maio 2023.

MORAIS, A. G. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

OLIVEIRA, M. A. **Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita**. 2005.

OLIVEIRA, M. A. Trabalhando com a sílaba no ensino da escrita. **Revista Educação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 76-90, 2011. (especial Guia da Alfabetização).

QUEIROGA, B.; SILVA, C. Habilidades preditoras para a aprendizagem da leitura e da escrita. In: CAPELLINI, S. (org.). **Alfabetização em foco**. E-book. Brasília: Conselho Federal de Fonoaudiologia, 2020, p. 27-42. Disponível em: <http://sieceesp.com.br/sieceesp2/uploads/Eventos/cms-files-136814-1605280403sbf-fono-educacional-2020-ebook.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2022.

REIS, A. P. S. *et al.* **Consciência fonológica e a alfabetização de jovens e adultos: reflexões sobre o processo de aquisição da leitura e escrita**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em

Fonoaudiologia) – Escola de Ciências Sociais e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2020.

ROCHA, G. A. S.; FONTES MARTINS, R. M.; MIRANDA, V. R. E. Reflexões sobre especificidades didático-pedagógicas dos itens de leitura da avaliação da alfabetização no Brasil. **Em Aberto**, v. 33, p. 69-81, 2020.

SCHERER, A. P. R. **Consciência fonológica e explicitação do princípio alfabético**: importância para o ensino da língua escrita. 2008. 233f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

PIAUÍ. Secretaria de Estado da Educação. **Pro AJA**. Piauí, 2021. Disponível em: <https://seduc.pi.gov.br/proaja>. Acesso em: 08 maio 2023.

SILVA, L. S. **Alfabetização de adultos**: um estudo de aquisição de linguagem. 2008. 122f. Dissertação (Mestrado em Linguística; Literatura Brasileira) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, p. 5-17, 2004.

SOARES, M. Alfabetização. In: FRADE, I. C. A. S. *et al.* (org.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores, 2014a, [n. p.]. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao>. Acesso em: 08 maio 2023.

SOARES, M. Letramento. In: FRADE, I. C. A. S. *et al.* (org.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores, 2014b, [n. p.]. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao>. Acesso em: 08 maio 2023.

SOARES, M. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, M. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

ZORZI, J. Alfabetização e a fonoaudiologia educacional. In: CAPELLINI, S. (org.). **Alfabetização em foco**. E-book. Brasília: Conselho Federal de Fonoaudiologia, p. 103-119, 2020. Disponível em: <http://sieceesp.com.br/sieceesp2/uploads/Eventos/cms-files-136814-1605280403sbfa-fono-educacional-2020-ebook.pdf>. Acesso em: 08 maio 2022.

TREIMAN, R.; ZUKOWSKI, A.; RICHMOND-WELTY, E. D. Whathappenedtothe “n” of sink? Children's spellings of final consonant clusters. **Cognition**, v. 55, n. 1, p. 1-38, 1995.

Sobre as autoras

Raquel Márcia Fontes Martins: Professora do Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Lavras (DEL - UFLA). Professora da Pós-Graduação em Letras do DEL - UFLA. Áreas de atuação: Linguística (Fonética e Fonologia, Aquisição da linguagem, Sociolinguística, Ensino de Língua Portuguesa e Alfabetização) e Avaliação Educacional e Formação de Professores. *E-mail*: raquelfontesmartins@gmail.com

Gladys Agmar de Sá Rocha: Professora do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE - UFMG). Professora do Mestrado Profissional da FaE - UFMG. Áreas principais: avaliação, didática, alfabetização. *E-mail*: gladysrocha1@gmail.com

Luciana Neves Franco Freire: Graduanda do curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista do CNPq.

E-mail: luciana.freire1@estudante.ufla.br